

"Pessoa é uma paixão que me fascina e oprime"

Ao longo de oito anos, João Paulo Cavalcanti Filho, advogado, consultor da UNESCO e do Banco Mundial e ex-ministro da Justiça do Brasil, percorreu os espaços, investigou os documentos e os lugares relacionados com Fernando Pessoa. Chegou mesmo ao extremo de exumar o túmulo de Mário de Sá-Carneiro, em França, só para saber se lá se encontravam as cartas trocadas entre este e o autor de "Mensagem". O poeta português tornou-se a sua obsessão desde que, aos 17 anos, ouviu pela primeira vez o famoso "Tabacaria", dito por João Villaret. O resultado de toda esta paixão é o monumental "Fernando Pessoa, uma quase-autobiografia" que acaba de ser lançado.

Existem muitos livros sobre Fernando Pessoa. Em que é que o seu se distingue deles?

Eu queria ler um livro que não existia. Claro que, como defendem muitos académicos, em Pessoa, a vida é a obra e a obra é a vida. Mas, para mim, há muito mais do que isso. Por trás da obra, tem um homem que dorme, que acorda, que se veste, que trabalha... Mas quem é esse homem? Ora, sempre quis saber isso.

O que lhe despertou mais curiosidade?

Por exemplo, sempre quis saber onde ficava, de facto, a tal tabacaria que ele fala no famoso poema. Quis escrever um livro não para os académicos, mas para mim. **O que o surpreendeu mais na sua investigação?**

A minha maior surpresa foi essa, a de tentar desvendar um homem que é enormemente complexo.

Lembra-se de quando contactou pela primeira vez com a obra de Fernando Pessoa?

Perfeitamente. Um amigo português ofereceu-me um disco em que surgia alguém, um deus de nome João Villaret, a recitar um poema chamado "Tabacaria", de um ser de que eu nunca tinha ouvido falar. O ser era Fernando Pessoa e, quanto ao declamador, ninguém jamais recitará como ele.

E o que aconteceu depois?

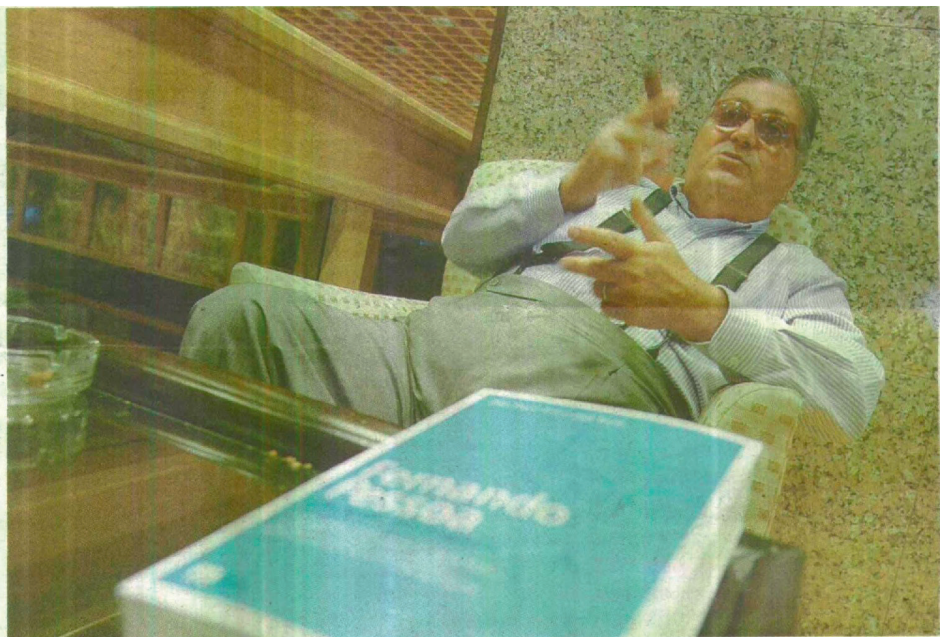
Eu tinha 17 anos e fiquei estarrecido com o génio absoluto do poema "Tabacaria". Foi o início de uma paixão que até hoje me fascina, orgulha e oprime.

Quando decidiu começar a escrever, tinha alguma ideia sobre a forma como abordar assuntos tão complexos?

Comecei a escrever sem nenhuma ideia. Pensei apenas: vou escrever um livro para mim, sem dar nenhuma importância à academia. Há dois tipos de livros sobre Pessoa: os de coleta de textos e os de análise académica, muito bem escritos por especialistas para serem lidos por especialistas. Eu, não sendo escritor, quis escrever um livro para o resto da gente.

Foi isso que determinou a sua opção de, em Portugal, fazer a obra chegar a todas as bibliotecas públicas?

Sim. Troquei os direitos autorais com a editora oferecendo um exemplar a cada uma das 580 bibliotecas públicas portuguesas. Este é um livro caro, custa 25 euros. Vocês vivem um momento difícil. Achei um absurdo que tal situação possa impedir alguém de ter acesso à obra. Assim, estando o livro disponível nas bibliotecas, basta ir até lá e lê-lo.



"Comecei a escrever sem nenhuma ideia. Não sendo escritor, quis escrever um livro sem pensar na academia"

A sua paixão por Fernando Pessoa estende-se a outras áreas. É verdade que tentou comprar a mesa do café onde ele escrevia?

Sim. Tentei já várias vezes, mas o dono não vende. Em casa, tenho vários objetos que pertenceram ao poeta. Várias edições originais de "Mensagem", inclusive uma anotada com a letra do autor. Inúmeros manuscritos, comprei muita coisa em leilões. Fiz uma espécie de museu particular. E já disse à minha família que tudo isso não é meu nem deles. Sou apenas o guardião. Se morrer, quero que tudo isso fique disponibilizado para o público.

Nesse espólio, não consta a famosa arca de Pessoa....

Só não comprei a arca por um acidente de percurso. Ja-

66

"A arca de Pessoa não ser património público é, para mim, inacreditável"

"Tinha 17 anos e fiquei estarrecido com o génio absoluto do poema 'Tabacaria'"

mais me passou pela cabeça que o Governo português, desculpe a sinceridade, fosse tão insensível. Nesse mesmo leilão, comprei cinco originais de Pessoa e um deles custou muito mais do que a arca. Nunca me passou pela cabeça que os vossos governantes fossem tão ineptos, que não exercessem o direito de preferência na compra. Como é que a arca de Pessoa não é património público é algo, para mim, inacreditável.

Quanto tempo demorou a escrever esta quase-autobiografia?

Trabalhei neste livro pelo menos quatro horas por dia, durante oito anos. Refiz toda a minha vida em função disso. Foi algo obsessivo. Li milhares de páginas de Pessoa por mais de uma dezena de

vezes. Até que houve um momento mágico.

De que género?

Nunca ninguém sonhou tanto como Fernando Pessoa. Mas ele era um autor sem imaginação no sentido em que só escrevia sobre o que o rodeava. Nesse aspeto, a obra dele é um testamento à espera de ser desvendado.

Como explica serem os brasileiros e não os portugueses a interessarem-se mais pela obra de Fernando Pessoa?

Pessoa é um ser complexo e contraditório. Foi monárquico e republicano, apoiou Salazar e, depois, passou a criticá-lo... Recebemo-lo apenas pela sua poesia, não tínhamos razão para não o venerar. A minha sensação é de que daqui a uma ou duas gerações vocês vão redescobri-lo. ●